Índice

PREFÁCIOS
pelo presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Fernando Gomes 7

pelo secretário de Estado do Desporto, Pedro Dias 9

Introdução de Jorge Braz 13

O homem que, antes de ser, já o era 17

CAPÍTULO 1
Bacalhau à Braz 21

CAPÍTULO 2
Sonim, a capital do mundo 33

CAPÍTULO 3
O jogador que queria ser doutor 47

CAPÍTULO 4
Entre as brumas da memória 61

CAPÍTULO 5
Sim, senhor professor 77

CAPÍTULO 6
Muda-se o ser, muda-se a confiança 89

Fotografias 97

CAPÍTULO 7
Para lá do Marão, mandam os que lá estão 119

CAPÍTULO 8
O homem que tinha queda para o assunto 131

CAPÍTULO 9
Dá-me um bom exemplo 143

CAPÍTULO 10
Medalha por bom comportamento 153

Currículo e palmarés de Jorge Braz 175

Dedicatória e agradecimentos 179

Prefácio

pelo presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Fernando Gomes

Um líder a sério

A 20 de setembro de 2022, na Gala Quinas de Ouro, Jorge Braz confessou, após a conquista da Finalíssima Intercontinental, que era um orgulho liderar a Seleção Nacional de futsal e pertencer à família FPF. É sem qualquer tipo de pejo que afirmo perentoriamente que nos sentimos privilegiados por o ter do nosso lado durante todos estes anos.

É com grande entusiasmo e com um sentido de enorme responsabilidade que apresento este livro. O Jorge Braz, com a sua capacidade de liderança, alicerçado por *staff* e estrutura técnica superlativa, conseguiu colocar o futsal português no patamar de excelência do panorama desportivo mundial. Lembro que a Seleção Nacional de futsal, antes de 2018, perdia muito mais do que ganhava. Confiámos na competência, criou-se estabilidade e o trabalho deu os frutos aos quais assistimos nos últimos anos. Nascido no Canadá e criado em Trás-os--Montes, Jorge Braz é a personificação da humildade, rigor, método e trabalho árduo. A dedicação com que se entrega ao futsal é algo que verdadeiramente me emociona e inspira. Acumulando a função de coordenador de toda a modalidade, a sua presença faz-se sentir em todos os estágios, de todos os escalões, tanto masculinos como femininos; e passa horas em observação de Norte a Sul do país. Atrevo-me mesmo a dizer que não vi em mais ninguém esta paixão e devoção por uma causa.

O seu propósito é melhorar cada pessoa ao seu redor. Contrariamente ao eucalipto, que seca tudo à sua volta, Jorge Braz ilumina quem com ele trabalha, indicando o caminho e liderando pelo exemplo. Para além dos títulos conquistados, dos prémios individuais que já averbou, o selecionador nacional faz habitar dentro dele uma simplicidade e humildade que vêm de berço, das suas origens. O respeito pelo próximo, a empatia que gera com quem se cruza, a forma como acolhe quem vem para acrescentar. É raro ver estas particularidades em quem está no topo do Mundo. O sucesso alcançado não caiu do céu. A exigência com quem trabalha, que se estende a si mesmo, faz com que toda

a gente dê o máximo em cada uma das suas funções. Não há quanto baste ou serviços mínimos.

Vale a pena conhecer a sua história. O início de vida fora do país, a infância em Trás-os-Montes, o percurso académico, a excelência a lecionar e o brilhantismo na liderança de equipas.

Saúdo calorosamente Miguel Henriques, autor desta obra, pela audácia, perseverança e, fundamentalmente, pela dedicação com que contou, com mestria, através das palavras, a história de um homem simples e de um profissional de excelência. Com uma escrita simples, objetiva e apaixonada, este livro procura homenagear simbolicamente tudo o que Jorge Braz tem dado ao futsal e à vida.

Por tudo isto, não resisto a repetir que se trata de uma enorme honra, intercalada com um extraordinário orgulho, poder recomendar este livro a todos os que gostam de futsal, mas, acima de tudo, a todos os que se reveem nos valores da simplicidade, superação, convicção e humildade. Ler a história de Jorge Braz é conhecer a história e o poder do seu coração.

Prefácio

pelo secretário de Estado do Desporto, Pedro Dias

Tem sido um enorme privilégio partilhar com o Jorge Braz a terra grossa, fragosa e bravia, ao longo de mais de três décadas. As suas raízes em Trás-os-Montes e na Beira Interior foram, entre outros, elemento que, por mera coincidência, nos aproximaram.

Conheci o Jorge Braz em 1993, na cidade da Covilhã, quando decorriam as fases finais dos Campeonatos Nacionais Universitários (os CNU) de Futsal. O Jorge Braz defendia a baliza da seleção da Federação Académica do Porto (FAP), e eu presidia a direção da Federação Académica do Desporto Universitário (FADU). O Orlando Duarte, um grande amigo que temos em comum, esteve na bancada dos pavilhões covilhanenses, observou todos os jogos da competição. No final, o nome do Jorge Braz constava da lista de jogadores que tiveram o privilégio de integrar o primeiro estágio de preparação da seleção nacional universitária de futsal, que participou no Campeonato Mundial Universitário de 1994, em Nicósia, no Chipre.

No decorrer do primeiro estágio, realizado no pavilhão dos Esteiros (instalações da Faculdade de Motricidade Humana e alojamento no INATEL, em Carcavelos), aconteceu um evento trágico com um amigo do Jorge Braz, que motivou uma conversa comigo, no sentido de o autorizar a faltar a dois treinos para que ele pudesse ir a Trás-os-Montes. O relato deste episódio resume de forma simples o Jorge Braz: fiel aos seus princípios e às suas raízes, à sua honestidade, humildade, respeito, educação e lealdade. Jorge Braz foi autorizado a percorrer os 930 km para prestar a última homenagem a um dos seus.

Também tive o privilégio de acompanhar o início da sua carreira como treinador de futsal, quando ele foi desafiado para liderar um projeto de iniciação à prática desportiva, então com uma equipa feminina na Universidade do Minho, e a transformou, como ele carinhosamente lhe chama, na melhor equipa do mundo.

O nosso percurso cruzou-se várias vezes de 1993 até 2011; contudo, foi no período de 17 de dezembro de 2011 a 5 de abril de 2024 que trabalhámos lado a lado no desenvolvimento do futsal em Portugal, um desafio profissional

riquíssimo, em conteúdo e intensidade. O foco sempre esteve no processo, na intenção de ajudar a qualificar o processo estrutural e orgânico do futsal em Portugal. Foi essa a prioridade.

O Jorge Braz é muito metódico, estudioso, organizado, adora planeamento e dados (fiáveis). Experimentámos uma parceria alucinante com o planeamento e os dados. Foram semanas, meses, anos a fio juntos, dia após dia, a ajudar a melhorar o «processo».

Assisti ao seu doutoramento *honoris causa* pela UTAD, um momento justíssimo, de grande emoção, um legítimo reconhecimento às suas qualidades humanas e profissionais, à sua competência, estilo de liderança, conhecimento, à sua humildade, às suas raízes, à sua família, aos seus amigos. Foi uma grande malha!

O Jorge Braz não prescinde, e muito bem, das suas raízes, dos seus, da sua aldeia, Sonim. Será muito difícil encontrar um amigo do Braz que não tenha estado em Sonim, e será difícil encontrar um amigo do Braz que não tenha dormido na casa dele, em Sonim. Que orgulho ele tem na sua terra e nos seus!

Conheço o Jorge Braz desde o período em que ele frequentava as salas de aula na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, passando pela Escola EB 2/3 de Taíde, na Póvoa de Lanhoso, pela Universidade do Minho, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, pela Fundação Jorge Antunes e pela Federação Portuguesa de Futebol. Neste percurso de três décadas, tivemos muitos momentos intensos, de tristeza e de felicidade, jamais esquecerei a noite duríssima de 14 de novembro de 2012, em Banguecoque, e o abraço que demos na noite de 10 fevereiro de 2018, em Liubliana.

Também será muito difícil esquecer o jogo Portugal *versus* Espanha no mundial universitário de futsal, em 1994, na cidade de Nicósia, no Chipre. Jogo muito intenso, decidido nos pontapés da marca de grande penalidade; Braz na baliza e Orlando Duarte no banco. Eu comecei o jogo na bancada, a filmar, e terminei-o com o Parente no banco, tentando «(des)orientar» a equipa, considerando que a equipa técnica tinha sido «despachada» pela equipa de arbitragem.

E o golo que o Braz sofreu no primeiro segundo do jogo contra a Croácia no mundial universitário de futsal em 1996, na cidade de Jyvaskyla na Finlândia... O Orlando Duarte a dar instruções do banco para o Braz, o árbitro apita para o início do jogo, golo na baliza de Portugal. Inacreditável a expressão facial do Braz e do Orlando, sem desculpas, Portugal ganhou o jogo 4-3.

Jamais esquecerei também, decorria o ano de 2000, a criação de um grupo de trabalho no seio da ANTF: José Pereira, Orlando Duarte, João Rocha, Pedro Dias, Jorge Braz, José Luís Mendes, Gabriel Silva, Pedro Catita, André Teixeira, João Freitas Pinto, entre outros, cujo propósito era criar a estrutura e os conteúdos programáticos para os quatro níveis de formação de treinador de futsal em

Portugal, e tentar aprovar um regulamento de formação de treinador de futsal na assembleia geral da FPF. Foi uma experiência extraordinária, e o Braz foi instrumental nesse grupo. O resultado desse trabalho proporcionou a formação em treino de futsal a mais de quatro mil e setecentos treinadores até à data.

O seu trajeto na Federação Portuguesa de Futebol é por muitos conhecido, mas nem sempre valorizado. O Braz tem sido o elemento preponderante na coordenação técnica nacional do futsal em Portugal desde 2010. Foi um dos elementos mais ativos na elaboração e na implementação da estratégia delineada para o futsal português. Tem sido decisivo na produção de conhecimento. Coordenou a elaboração de três livros técnicos de futsal, já publicados pela FPF, com autoria da equipa técnica nacional de futsal da FPF, um contributo excecional para o desenvolvimento da modalidade.

No plano internacional, o Braz tem um reconhecimento extraordinário. Foi convidado pela UEFA, já há mais de uma década, para integrar o painel de peritos que elaborou a estrutura e conteúdos da formação de treinador de futsal da UEFA, e continua muito ativo. Está, neste momento, a preparar o curso UEFA A (equivalente ao grau III da FPF) para ser integrado na convenção de treinadores da UEFA. Jorge Braz foi eleito cinco vezes consecutivas o melhor selecionador de futsal do mundo. Sagrou-se bicampeão europeu, um título ao qual somou o de campeão mundial da modalidade e ainda o título na primeira edição da Finalíssima Intercontinental (UEFA/CONMEBOL). Venceu as Quinas de Ouro, prémio com que a FPF distingue os melhores dos melhores.

Foi nomeado, em 2022, pela Comunidade Intermunicipal do Alto Tâmega e Barroso, o primeiro embaixador do Alto Tâmega, nomeação que o enche de orgulho. Ele nunca diz que não aos seus, e gosta muito que os seus o chamem.

Foi distinguido pelo Presidente da República com a Ordem do Mérito, em 2018, e com a Ordem do Infante D. Henrique, em 2021. Ademais, Jorge Braz é comendador ao «quadrado», nada lhe retira o foco: no trabalho e na qualificação do processo.

Tenho tido o privilégio de acompanhar de perto o percurso profissional de excelência deste fantástico homem e treinador. O respeito e a amizade construídos ao longo de três décadas perdurarão para além dos recintos desportivos. Esse é o legado maior que o desporto nos proporcionou: a nossa amizade.

Introdução

por Jorge Braz, selecionador nacional de futsal



As pessoas com quem me cruzei e os lugares por onde passei deixaram-me marcas profundas, moldando os princípios e os valores que carrego comigo. Tudo o que sou é reflexo de uma jornada que se iniciou um dia no Canadá e me levou a percorrer este mundo e o outro em busca de um sonho que me trouxe até aqui.

Aprendi a lealdade com os jogos na aldeia, interiorizei a rivalidade saudável na baliza do GD Chaves e SC Vila Pouca de Aguiar, descobri a importância do conhecimento na faculdade do Porto, capacitei-me da responsabilidade do ensino nas escolas onde lecionei, e refleti sobre a arte de servir os outros enquanto treinador nos clubes onde trabalhei.

Cresci como jogador e treinador a acreditar que não vale tudo para se chegar longe. Abominei sempre a arrogância e o desrespeito pelo outro como sinónimos de competitividade e competência.

Se hoje sou apresentado como o treinador que conquistou dois Europeus e um Mundial de futsal, também sou o treinador que enfrentou duas descidas de divisão e que somou desaires pesados entre os vários clubes e universidades por onde passei. Não somos apenas uma coisa, seremos sempre a soma de todas as partes.

Ao longo da minha carreira perdi muito mais vezes do que as que ganhei. Tenho um saldo negativo e não sei se algum dia conseguirei invertê-lo. Aprendi e cresci com todas as derrotas procurando encontrar o caminho certo para as superar, sem deixar de acreditar no que estava a desenvolver.

Por vezes passa-se a ideia de que perder uma final e ficar em segundo lugar é sinónimo de insucesso e incompetência, de que o trabalho desenvolvido por treinadores e jogadores que estão noutros patamares, mais sujeitos à derrota, não têm valor ou mérito por não serem simbolizados com troféus ou conquistas. Nada mais errado.

Tive a sorte de me cruzar ao longo da vida com gente muito boa. Ninguém ganha nada sozinho. As conquistas são feitas da equipa que nos rodeia e das

pessoas que nos ajudaram a crescer. Apesar do treinador viver momentos na solidão, fazemos parte de um meio social e coletivo que nos aporta todos os dias ensinamentos e lições valiosas.

Se na vida pessoal, a minha família e amigos têm um papel fundamental por me ajudarem a manter a essência do rapaz que veio de trás das pedras, na vida profissional há três pessoas que me marcaram profundamente e ainda hoje são referências que mantenho a meu lado: Pedro Dias, Orlando Duarte e José Luís. Desbastaram um caminho que estava por trilhar com uma paixão tremenda pelo treino e pelo jogo, sem nunca a perderem.

As maiores medalhas que guardo comigo não são as que me colocaram ao peito em ocasiões especiais ou nas grandes conquistas. Naturalmente que são relevantes, mas irei preferir sempre as marcas que nós deixamos nos jogadores e jogadoras que passam por nós. A melhor definição que encontro para treinador é a arte de servir os outros, e a minha maior preocupação passou sempre por perceber como é que eu servi e ajudei as pessoas que me passaram pelas mãos.

No fundo, aceitei o desafio que me foi lançado de contar a minha história como uma forma de dar o conhecer o meu percurso, aquilo em que acredito profundamente, e homenagear todas as pessoas com quem confraternizei ao longo da vida e que foram extremamente importantes para o homem e para o treinador que sou hoje.





O homem que, antes de ser, já o era

Antes de o ser, já o era. Será esta a premissa da história que perpassa o tempo e as memórias de Jorge Braz até ao dia em que passou a ocupar o cargo de selecionador nacional de futsal. Não somos apenas o que fazemos ou o lugar que ocupamos. Seremos sempre múltiplos lugares, pessoas, referências, tantas coisas; e quase todas ao mesmo tempo. Quando alguém nos coloca perante o simples exercício de dizer quem somos, tropeçamos na resposta. Dividimo-nos entre o que queremos dizer, o que nos querem ouvir dizer e o que ficará certamente por contar. Se o perguntarmos a Jorge Braz, ele sentirá justamente essa mesma dificuldade, encolherá os ombros, talvez sorria e hesite: por onde começar? Para os outros, para os que estão de fora, é mais fácil. E por isso, neste livro, fomos à procura dos outros e das suas respostas.

Jorge Braz é fruto de uma aldeia igual a tantas outras, na qual a terra arada matava a fome, mas nunca enchia bolsos. No local onde viveu a partir dos oito anos, as casas eram pequenas, e contrastavam com as famílias que se queriam grandes, porque toda a ajuda era bem-vinda para o árduo trabalho de sol a sol. Na aldeia, as agruras e as alegrias viviam-se juntas, e partilhavam-se dentro e fora de portas. Em comunidade, tudo era comunitário, do forno ao lavadouro. O primeiro fazia crescer o pão, e o segundo servia de ponto de encontro para a lavagem de roupa menos limpa. A noção de família era grande, ramificada. Mesmo quando não se cruzavam os laços de sangue, mantinha-se o tratamento carinhoso. Entre primos, primas, tios e tias, não havia distinções.

Era algo que vinha agarrado ao nome, embora não constasse no bilhete de identidade. Todos se conheciam e todos se davam entre portas, fora de portas, ruas de cima e de baixo, praças e arredores.

Jorge Braz é um transmontano orgulhoso destas origens, deste local onde cresceria, mas nasceu do outro lado do Mundo. O contraste entre estas duas origens é, nele, poderoso.

Nasceu, dizia-se, numa terra prometida, na qual tudo era maior do que a vista conseguia alcançar. A língua fazia-se difícil de aprender para tantos portugueses que para lá emigravam e que tinham apenas a pouco flexível capacidade de aprendizagem de uma quarta classe, e tudo às vezes lhes parecia tão difícil de suportar como o inverno, que teimava em ser demasiado longo e gélido. Para estas famílias, compensava o trabalho, que nunca faltava, e o dinheiro que chegava em quantidade para aquecer os dias e as noites, sempre dolorosamente riscados num calendário, com a pressa de voltar para Portugal.

Jorge Braz é, também, um guarda-redes à base do empurrão. A ausência de autoridade junto dos jogadores mais velhos fê-lo ir parar onde outros não queriam estar. Ganhou-lhe o gosto e descobriu uma vocação. Não mais dali saiu por vontade própria, e também pelas decisões de quem lhe reconheceu o mérito. As pedras e os altos e baixos do campo da tal aldeia de Trás-os-Montes nunca o intimidaram. Para fazer bem o seu trabalho, atirava-se ao chão com vontade. Era obstinado e, para ele, ponto assente era a bola não passar. Aprendeu a profissão com um senhor mudo e outro gago, que o antecederam no cargo e na arte de defender. Nunca deixou a terra batida, mas acrescentou-lhe o relvado do Chaves: o sonho maior de qualquer jovem da região. Fê-lo de treino em treino até à equipa principal, onde chegou a terceiro guarda-redes e aprendeu à boleia do internacional Rui Correia, com quem partilhava o balneário e o carro quando precisava de regressar. Ainda houve tempo para testar os reflexos na madeira dos pavilhões de futebol salão. A universidade abriu-lhe as portas da sabedoria e de uma modalidade desconhecida: o futsal. As viagens Porto-Chaves eram percorridas por estradas nas quais as curvas dobravam os quilómetros e as ausências aos treinos de futebol, devidamente justificadas, eram compensadas nos treinos do pavilhão.

Mas há mais coisas que Jorge Braz é: um professor responsável por dar bons exemplos sem deixar de querer ser o exemplo maior. Na escola, encontrou o eco das montanhas do Alto Tâmega refletido nos hábitos e costumes dos jovens alunos. Também eles vinham na sua maioria de vilas e vilarejos nas margens de uma cidade maior. Sabia como dar-lhes a volta, porque se encontravam nas origens. Procurava dar-lhes mundo para lá do horizonte que a realidade lhes conferia. E essa dádiva era feita com a predisposição de receber num caminho composto por uma via de dois sentidos, feito de pedras e pedrinhas, mas sempre sem lugar à indiferença. Porque só assim faz sentido para quem sente o peso da responsabilidade de uma profissão que molda os amanhãs.

Jorge Braz, se alguma coisa faltasse para o definir, é um treinador que perdeu mais vezes do que ganhou. As derrotas custaram-lhe campeonatos, descidas de divisão, os dissabores normais de quem anda no desporto. Mas o que ganhou quando perdeu foi sempre proveitoso nisto ou naquilo, ensinou-lhe sempre algo — tantas vezes até mais do que os sucessos ou as conquistas —, levando-o ao lugar que ocupa agora. A avidez de conhecimento que sempre lhe foi característica misturou-se sempre com o humanismo que punha, que põe, no que faz.

Todas estas dimensões se cruzaram na mesma pessoa. Qual delas define melhor Jorge Braz? Nenhuma. A personalidade não é divisível dessa forma. Antes de ser selecionador, Jorge Braz é tudo o que vivenciou até aqui chegar. Antes de o ser, já o era.

Capítulo 1

Bacalhau à Braz



Na primeira pessoa



Sou filho de emigrantes portugueses. Os meus pais foram para o Canadá, casaram, e nasci em Edmonton, onde estive até aos oito anos.

As minhas memórias são bastante vagas sobre esse primeiro período da minha vida. Lembro-me, por exemplo, da minha casa; e de brincar lá fora, no meio da neve, coisa tão rara em Portugal Era sempre tudo muito branco. E também me lembro da minha escola primária, que era enorme, tinha quatro campos relvados de futebol de onze. Fazia esse caminho de casa para a escola, e da escola para casa, sempre a pé. A sensação de frio, essa, está-me sempre muito bem presente: era de rachar. A escola tinha professores portugueses, e eu aprendia e falava a língua, apesar do sotaque inglês que se misturava lá pelo meio.

Só uma vez regressei ao Canadá ao longo de todos estes anos. Foi em 2001, quando aproveitei a circunstância de a minha mulher acompanhar a tuna da Universidade do Minho (a Gatuna) a Edmonton, a convite da organização dos Mundiais de Atletismo. Então, voltei ao local onde tinha nascido. Foi engraçado, porque era uma tuna feminina, e eu aparecia ali um bocadinho deslocado. Quando lá chegámos, elas tinham as pessoas da organização à espera; eu tinha quase cinquenta pessoas entre primos e tios a aguardarem por mim.

Digo sempre que tenho de lá voltar. Brevemente, terá de acontecer.

Longuíssimos sete mil quilómetros, é essa a distância de Portugal ao Canadá. Isso, seja como for, nunca impediu que, ao longo dos séculos, estes dois territórios se aproximassem frequentemente, nas viagens, nos sentimentos e nas necessidades de pessoas que se cruzaram e descruzaram ao sabor das marés. Pelo meio de centenas de milhares, talvez milhões, de histórias perdidas, ficaram ausências demoradas e reconciliações felizes, como em qualquer história de amor. E quando não foi amor, foi interesse entre o que um tinha para dar e o outro para oferecer.

Recuamos ao século xv para encontrar os primeiros passos dados de parte a parte. Os portugueses lançavam-se então ao mar em busca de um mundo por mapear. E a costa leste do Canadá foi, na ocasião, ponto de passagem de João Vaz Corte Real, na missão de desvendar o caminho marítimo para a China. Não o tendo este conseguido em vida, sucederam-se-lhe os filhos no intento. O mar acabou por engoli-los na sua imensidão, para não mais os devolver à vida. Outros haveriam de o tentar posteriormente com melhor sorte.

Anos mais tarde, virar-se-ia esse século, e as visitas foram passando de escassas a mais regulares e saborosas. A costa de Newfoundland, ou Terra Nova, era abundante em bacalhau, e as embarcações portuguesas passaram a ser avistadas por ali com assiduidade. A popularidade deste peixe na casa de todos nós cresceria de vento em popa. Tudo graças ao seu longo tempo de vida, através da salga, e ao preço que caberia no bolso de qualquer um, ao ponto de se cunhar a expressão: «Para quem é, bacalhau basta.»

Os bacalhoeiros eram cada vez mais por estas paragens e, depois de os marinheiros acostarem, naturalmente que também a terra distante de cujas águas aquele peixe chegava foi ganhando nomes portugueses: Ilha dos Bacalhaus, Cabo Rei, Santa Maria ou Frei Luís, por exemplo. Contudo, o domínio territorial cabia a franceses e ingleses, que não queriam intrusos por aquelas bandas e trataram de repelir os concorrentes, deixando esta relação luso-canadiana em... águas de bacalhau.

Só nos finais do século xix se retomaram as campanhas lusas em busca do fiel amigo, que tinha ficado para a vida e de quem nos tornaríamos inseparáveis.

O hábito foi-se enraizando pelo século xx adentro, mas a emigração portuguesa para o Canadá era então já quase inexistente.

Até à conclusão da Segunda Guerra Mundial, os imigrantes que rumavam ao segundo maior país do mundo eram preferencialmente ingleses, americanos ou provenientes do Norte da Europa. Todos os outros estavam limitados pela lei vigente no país, que os considerava indesejáveis. Naturalmente que a necessidade pode ser juíza em causa própria e sentenciar a mudança. Após a Grande Guerra, assistiu-se a um rápido desenvolvimento económico que teria de ser correspondido com a também célere entrada de mão de obra no país. E assim suavizou-se a política migratória canadiana, que passou a aceitar quem antes não era bem visto.

Por cá, os tempos eram difíceis. O Estado Novo estava no auge, Salazar ditava as regras de um estado patriarcal e arcaico de portas fechadas ao Mundo. E ai de quem quisesse escancará-las com vontade de atravessar as fronteiras do imaginário vidente! Todos eram vigiados, todos eram vigilantes. Nestes tempos ler, escrever e contar era o quanto bastava. Os outros saberes revelavam-se sem importância e, quanto menos se quisesse aprofundar conhecimentos, melhor para a sua existência ou sobrevivência. Quem desconhece direitos não os reivindica.

A escolaridade resumia-se à obrigatoriedade de três anos de ensino primário. Éramos «orgulhosamente sós» sob o desejo de um homem que pretendia «que os portugueses vivessem de forma simples».

Para fugir a um destino traçado, mesmo o longínquo estrangeiro era apetecível. Tudo parecia melhor. Era do lado de fora deste mundo, afinal, que vinham algumas histórias de sucesso daqueles que saíam com uma mão à frente e outra atrás para voltarem, às vezes, de mãos cheias.

O próprio estado português admitia esse problema. Percebeu que, abrindo de quando em vez a porta diminuiria a pressão social, silenciaria as vozes sussurrantes, e ainda contaria com as remessas de contos de reis que passavam a entrar em Portugal.

*

Longe destes centros de quem decidia e traçava o rumo do País, nasceu, em 1949, Judite Gomes, tendo o rio Rabaçal como testemunha e a avó como parteira, na aldeia de Sonim.

Eram tempos silenciosos a nível nacional, porém de grande algazarra a nível local. O alvoroço provinha dos sons da natureza, do trabalho no campo e do sino igreja, que assinalava as horas e respetivas metades. Avós, filhos, pais e netos multiplicavam-se entre casas, ruas e praças.

Judite era a mais nova numa casa onde se somavam oito irmãos. Não podemos subtrair os animais que, não sendo gente, também faziam parte do agregado familiar e ocupavam espaço. Feitas as contas: naquela habitação viviam mais que muitos. Uma réplica que se estendia de porta em porta.

A terra e o gado eram a base do sustento. Não havia um pedaço, nesta aldeia de Trás-os-Montes, a dezassete quilómetros da cidade de Valpaços, que não estivesse arado. Ser dono de terra era estatuto, por isso era sem estranheza que a maioria trabalhasse naquilo que outros possuíam. Contudo, pagavam para o fazer. Ganhavam o direito a plantar e perdiam uma parte generosa na hora de colher. O dinheiro era coisa pouco vista, privilegiando-se os géneros como moeda de troca. Cereais, couves, batatas e cebolas que davam de comer a muitas bocas.

A noite, na casa de Judite Gomes tinha o cheiro do petróleo que alimentava os candeeiros e cortava a escuridão — a parte calma, e curta, do dia. Logo cedo, assim que o Sol se erguia e permitia afazeres, Judite saía também, com esperança num dia, talvez um dia, mais fácil, diferente. Tinha fé nisso, tinha essa fé que parecia poder mover as montanhas do Alto Tâmega. Era uma fé que também partilhava com os outros, a tal família que era a aldeia. Tudo era comunidade. O forno era de todos os que amassavam o pão, a carne era de todos os que participavam nas matanças. Era igual para todos. Eram todos iguais. Os homens estudavam até à terceira ou quarta classe, porque esse era o ensinamento que o estado lhes atribuía como necessário para governar a casa; e as mulheres, como Judite, ficavam-se pelo segundo ou terceiro ano, porque o seu papel se resumia a ajudar avós, pais e irmãos. A vida não reservava surpresas: viver para cuidar, trabalhar para colher e criar para matar.

Havia, sim, festas, bailaricos, cantorias e brincadeiras. Também se tirava tempo para sorrir, namorar e agradecer por mais um dia. Mas havia quem quisesse mais, quem sentisse mais. Judite era uma das que queriam mais. E à volta dela existiam outras mulheres e outros homens que queriam mais também.

A corresponder em parte a estes anseios de fuga e mudança, surgiam, de forma crescente, oportunidades para que alguns homens se voluntariassem para tentar a sorte longe de Portugal. Mesmo que implicasse sair para longe, deixando famílias e amigos para trás, e em busca de soluções em grande parte desconhecidas, muitos viam estas possibilidades com ótimos olhos, pois permitiam sair de um regime português opressor e das perspetivas sangrentas de ter de participar nas guerras coloniais em África.

Na casa de Judite, não foi diferente. A sua irmã mais velha, Helena, costureira, juntou-se com Francisco, sapateiro. Tinham uma vida remediada, mas nem por isso deixaram de casar. O irmão de Francisco abalara para o Canadá

mais ou menos por essa altura, tendo-se voluntariado com mais dois rapazes de Sonim. Meses depois, aterravam na inóspita cidade de Winnipeg, capital da região do Manitoba, no Canadá.

A lei canadiana permitia já que fossem chamados familiares diretos para dar entrada no país. Sem surpresa, Francisco recebeu uma carta de chamada do irmão. Deu corda aos sapatos e emigrou também, deixando Helena grávida do primeiro filho. Haveria também de os levar para junto de si assim que se estabelecesse no Canadá. De resto, a política canadiana era cada vez mais favorecedora de famílias completas emigradas, constituídas por núcleos familiares sólidos, de pais e filhos, pois isso garantia que os contratos assinados com os trabalhadores eram cumpridos, e que estes ficariam no país a trabalhar, num sentido de crescente integração e convivência com os locais.

De carta de chamada em carta de chamada, quis o destino que Judite tivesse também a sua oportunidade de atravessar o Atlântico. A ordem cumpria-se mediante a idade dos irmãos. Duas recusas dos mais velhos — o primeiro por um problema de coração; o segundo, pela idade que o obrigava a cumprir o serviço militar — levaram a que se precipitasse a sua vez. Não teve dúvidas. Iria. Bastava-lhe olhar para a vida que levava no campo e compará-la com o que a irmã, Helena, já por lá estabelecida, lhe ia contando. Não foi logo, claro, porque o processo era moroso. A pouca escolaridade dificultava os pedidos de documentação e o preenchimento dos papéis, e junte-se a isso a obrigatória e rigorosa junta médica que forçava todos os candidatos a descerem até Lisboa, num percurso nunca percorrido, para serem auscultados. Tudo somado foram dois anos entre a carta de chamada e o embarque para o Canadá.

Dias depois de completar 19 anos, em Sonim, Judite Gomes chegou ao Novo Mundo. Estávamos em pleno agosto, porém o vento gélido já rodopiava por entre as ruas de Winnipeg. O verão demorava-se pouco por estas terras — mas ainda assim era bem melhor do que o impiedoso inverno, que chegava os 30 graus negativos.

O dinheiro era bom, mas a vida resumia-se a casa-trabalho e trabalho-casa. O lavor consistia em dar de comer a perto de mil homens, em grande parte índios e esquimós, mão de obra utilizada para os trabalhos mais duros. Tudo decorria numa cantina de grandes dimensões — bem maior do que a igreja de Sonim — sob o conceito de *self-service*. As feições, as palavras e os modos desta gente eram estranhos para Judite. Isto a somar ao facto de nunca ter ouvido falar do tal *self-service*, mas aprendeu e habituou-se em modo *fast*.

Ajudava na preparação de saladas, sobremesas e café, acompanhada pela irmã, e comunicava por gestos, numa língua que nos assiste a todos quando não saem as palavras.

De Winnipeg para o Churchill e de Churchill para Edmonton foi um instante. Em pouco tempo, a família mudou-se de armas e bagagens rumo à grande cidade numa viagem de comboio que durou três dias. Este era o percurso natural e desejável entre os emigrados no Canadá que conseguiam juntar dinheiro e passar a viver numa região e numa cidade menos hostis.

Se até então o contacto com a comunidade portuguesa fora intermitente, tudo mudaria em Edmonton. Judite, Helena e Francisco redescobriram Portugal no Canadá.

O primeiro baile português a que foram despertou as saudades do que Judite havia deixado para trás. As lágrimas rodopiavam-lhe pelo rosto enquanto dançava e cantava ao som de músicas que tinham ficado adormecidas e que lhe despertavam agora o coração. Fazia então sucesso *O Emigrante*, do conjunto Maria Albertina. Judite, numa dessas festas, atacou a música com tal vontade que até lhe perguntaram se não queria subir ao palco. Ao primeiro convite dispensou a oportunidade, por vergonha, mas não se negou na semana seguinte, perante uma chuva de aplausos e alguns pedidos de bis.

Entre 1950 e 1970, mais de 150 mil portugueses rumaram ao Canadá, na sua larga maioria açorianos. É por isso com naturalidade que as grandes cidades fossem compostas já por bairros a que os canadianos apelidavam de *Little Portugal*. Os aromas vindos das padarias e pastelarias ajudavam a delinear as fronteiras deste novo território. Cafés, restaurantes e mercearias com todo o tipo de gulodices compunham o cenário numa viagem pelos sentidos e pelos sentimentos.

Pouco tempo depois, já toda a família de Judite rumava ao Canadá. Pais e irmãos deixaram a aldeia para se juntarem a este *Little Portugal* que crescia a olhos vistos. Nunca tinham pensado em fazê-lo, mas foi a forma encontrada para livrar os homens da guerra colonial. A «reunião familiar» estava agora consagrada na lei como uma das formas de os libertar das obrigações militares.

Foi nesse ambiente de comunidade, nas franjas da cidade de Edmonton, que Judite travou amizade com Fernando Braz. O motivo? O rancho folclórico. Fernando era de Silvares, uma vila da Beira Baixa. O rancho era uma das tradições fortes desta localidade, e os que emigraram, à semelhança de outras tradições, decidiram recriar o grupo por estas bandas. Francisco, o cunhado, não tinha paciência para levar Judite aos ensaios à sexta-feira. O assunto resolveu-se rapidamente, pois Fernando voluntariou-se para fazer esse papel e passou a ter Judite a seu lado no carro vermelho que orgulhosamente comprara no Canadá. Entre boleias para cá e boleias para lá, um dia falou-lhe em namoro, e ela não disse que não. Do namoro ao casamento foi

um ápice, como mandava a tradição. Tinham-se passado três anos desde que chegaram ao Canadá. Só após o casamento saiu de casa da irmã e do cunhado para se juntar numa casa só sua e do marido. Em 1972, passaram a ser três com o nascimento do primeiro filho — Jorge, de seu nome.

❞ Dito e feito

Jorge Dias

Treinador da formação do Chaves e professor na Escola Industrial e Comercial de Chaves

«Tive a oportunidade e a felicidade de o acompanhar em dois momentos da sua formação: primeiro, na escola, como professor; depois, no Desportivo de Chaves, onde ele iniciou a carreira de futebolista, nos juvenis. Foi sempre muito ponderado, calmo, estudioso, atento e muito interessado. Integrou-se bem, quer na escola quer no Chaves. O caráter dele facilitou todo esse processo.»

Carlos Libório

Antigo guarda-redes do Vila Pouca

«O Jorge Braz era um excelente colega. Preocupava-se em incentivar todos os jogadores, incluindo aqueles que discutiam com ele um lugar na baliza, como era o meu caso. No fundo, era uma pessoa ponderada e cuidadosa naquilo que dizia e fazia. Considero-o um amigo e procurei ir acompanhando a carreira dele como treinador. Aí, foi muito, beneficiando de ser muito metódico e de preparar tudo com muito cuidado. Não é por acaso que conquistou dois títulos europeus e um título mundial.»

Nuno Dias

Treinador de futsal do Sporting

«A história de Jorge Braz como selecionador coincide com os momentos mais altos da nossa Seleção. Tem o mérito de saber aproveitar o trabalho feito nos clubes. Conseguiu potenciar ao máximo as qualidades individuais a favor do coletivo. Líder de excelência, estará para sempre ligado às grandes conquistas do futsal português ao nível da Seleção e, acima de tudo, ao seu desenvolvimento enquanto modalidade desportiva dentro da FPF. É um ser humano de eleição, com quem tive a primeira ligação quando decorria o ano de 1996/97, na Seleção Nacional universitária, quando ele então iniciava a carreira enquanto técnico; na altura, técnico de guarda redes. É o homem certo no lugar certo.»